

## Comentários sobre o texto de Bakunin selecionado para a nossa próxima reunião

Este texto de Bakunin – “anexo A”, presente no livro “Estatismo e Anarquia” - foi escolhido, sobretudo, por sua atualidade. Mais importante que as questões específicas da Rússia presentes no artigo, são as perguntas e análises que nos ajudam a refletir sobre a nossa prática política hoje: Como atuamos e nos relacionamos com os trabalhos de base? Como ser uma organização política, um *partido*, e intervir nos espaços sem acreditar que estamos guiando e libertando alguém, mas sem deixar de agir e propor, sendo uma minoria ativa? Pode-se educar alguém, educar o povo? O que queremos quando realizamos atividades de educação popular em favelas, escolas e ocupações? De onde nasce a consciência da exploração e da necessária e possível libertação desta?

Estas são algumas questões presentes neste texto que tentarei agora resumir e destacar através de um breve fechamento (resumo a partir de trechos do próprio livro) e uma simplificada introdução que contextualiza a discussão.

Contexto do artigo:

Este texto foi escrito para dialogar com os militantes *narodniks* (conhecidos como “populistas russos”) que travavam a luta revolucionária na Rússia nos anos 60 e 70 do século XIX. Bakunin, apesar de não ser um *narodnik* – já que saiu da Rússia duas décadas antes, após ser preso e conseguir se exilar na Europa – foi um dos principais nomes deste movimento. Suas obras influenciaram intensamente o movimento de jovens russos, que a partir da sua chamada “*V narod!*” (Para o povo!) largaram suas salas de aulas, tanto em escolas como universidades, para viver entre os camponeses e construir uma revolução social nascida do próprio povo. Perseguidos e massacrados, estes jovens contribuíram fantasticamente para a história das ideias e do movimento revolucionário e este artigo de Bakunin mostra como muitas de nossas questões hoje eram semelhantes às deles, mesmo que seja imensa a nossa distância em relação ao país e ao século estudados.

Quem eram os *narodniks*?

Foi uma corrente revolucionária nascida na década de 60 do século XIX, na Rússia, sob a influência, sobretudo, das ideias de Herzen, Tchernichevski (que escreveu o romance “Que Fazer?”) e Bakunin. O nome deriva da palavra e do radical *narod* (povo), sendo este o elemento central das ideias e diferenças em relação às correntes socialistas próximas ao marxismo.

Algumas questões centrais entre os *narodniks*:

- crítica ao *etnocentrismo ocidental* (analisar o mundo a partir de uma perspectiva ocidental, europeia). Os *narodniks* criticavam a leitura dos marxistas sobre a realidade dos países “subdesenvolvidos”, com estrutura econômica basicamente rural. Não defendiam uma revolução burguesa para substituir o “feudalismo” pelo capitalismo, como Marx e Engles e posteriormente Plekhanov (fundador do marxismo russo na década de 80) e Lenin (em alguns momentos a posição deste se alterou, mas até a

revolução de 17 sempre defendeu uma aliança com a burguesia nacional para a superação do “feudalismo” russo). Acreditavam que a ausência ou fraqueza das relações capitalistas poderiam ser um fator positivo e que a Rússia devia passar diretamente para o comunismo através de uma revolução camponesa. Como disse Bakunin, no programa da seção eslava da primeira internacional, nestes países “o socialismo da aldeia prevalecerá sobre o socialismo da cidade”.

- Para os *narodniks*, a antiga comunidade rural russa – o *mir* – deveria ser a base de uma sociedade comunista nova. Desse modo, a terra era a questão principal da revolução e os camponeses – que representavam cerca de 95% da população – seriam os protagonistas da revolução, tendo esta um caráter coletivista desde o seu princípio. Neste período, ocorreram diversas rebeliões camponesas – como a de Pugatchev – que defendiam o direito a terra, o fim da servidão (que só se deu em 1861 e de modo limitado e conservador), e a entrega da terra para os camponeses. Esta conjuntura influenciou fortemente as ideias *narodniks*.

- Acreditando que a revolução nasceria do povo, do campo, os *narodniks* fizeram dois grandes movimentos de “ida ao povo”, levando milhares de jovens da cidade para viver nas aldeias e militar entre os camponeses. A principal atividade de propaganda, entre eles, se dava a partir da educação popular, já que quase todos os camponeses eram analfabetos. Muitas das primeiras escolas camponesas foram construídas por eles.

- A principal organização *narodnikis* se chamou “Ziemia i Volia” (Terra e Liberdade), dissolvida e eliminada pelo tsarismo (a monarquia russa) nos anos 70. Mais de 200 *narodnikis* foram presos e assassinados pelo tsar.

- Além da atividade de propaganda através da educação, os *narodniks* – após as primeiras prisões e assassinatos – construíram um braço armado, assassinando carrascos importantes da repressão, inclusive o próprio Tsar. A organização “Vontade do Povo” surgiu após o fim da “Terra e Liberdade” e centrou sua ação principalmente na luta armada e nos ataques terroristas. A grande repressão que sofreram marcou o fim do movimento *narodnik* na Rússia.

- Além da questão camponesa, a “questão feminina”, como diziam, marcou as ideias dos *narodniks*. Numa sociedade extremamente machista e patriarcal, os *narodniks* organizaram diversos círculos feministas, fizeram propaganda nas universidades – que não aceitavam mulheres -, criaram cursos feministas, cooperativas e uma intensa propaganda sobre a libertação da mulher nas aldeias camponesas. Muitas mulheres, inclusive, estiveram à frente de organizações como “Terra e Liberdade” e “Vontade do Povo”. Vera Zaslitch é o nome mais conhecido entre as *narodnikis*. Participou de um grupo anarquista em Kiev (Ucrânia), atuando em uma rebelião local. Ficou muito conhecida após entrar armada no julgamento de 191 *narodniks* e atirar no coronel Trepov, então governador de São Petersburgo e um dos principais carrascos do tsarismo. Com o fim do movimento *narodnik*, acabou aderindo ao partido social-democrata (marxista) com Plekhanov

Com quem Bakunin está discutindo neste texto?

Bakunin está discutindo principalmente com os jovens *narodniks* e com Piotr Lavrov, um militante russo também exilado que defendia posições mais moderadas, baseadas num trabalho de “educação do povo”. Para Lavrov, antes de qualquer luta revolucionária, os camponeses precisavam ser educados pelos jovens intelectuais, já que sozinhos não conseguiriam se emancipar devido a sua “ignorância” e o fato da consciência socialista ser exterior à classe e ser despertada pela ciência. Nesse ponto, Lavrov se assemelhava muito a Marx e Engels – que batizaram sua teoria de “socialismo científico” - e a Lenin – que fez a célebre definição de que a consciência socialista nasce entre os intelectuais burgueses e que estes a levam para o proletariado.

Qual a posição de Bakunin?

Para Bakunin, a ciência não comanda a vida, não a produz, por isso não pode prever as formas do futuro. São as experiências concretas do fazer a vida que passam de pessoa a pessoa e que são capazes de criar e realizar os caminhos.

Não há “consciência externa”, por isso não há possibilidade de se “educar o povo”, nem de “dar algo (consciência, vida melhor) a alguém”. As pessoas aprendem na travessia da vida, na experiência, o que pressupõe a realização e a reflexão sobre si mesma. Como diz, “o pensamento, ao contrário, decorre da vida” (p. 246)

Noção de vanguarda

Qual a diferença entre a minoria composta pela “parte mais enérgica do povo”, da qual fala Bakunin, e a vanguarda marxista-leninista?

Como diz Bakunin, não se pode dar ou levar a consciência a alguém, não se pode mudar a vida pelo outro. O socialismo não é uma revelação científica, nem um movimento necessário da história, mas a criação de novas formas de vida por meio da liberdade e da revolta.

A vanguarda – entendida como grupo de minoria ativa que propõe ações, aprende com as experiências coletivas e intervêm no real - existe, mas ela vem de dentro, sendo e devendo ser composta, sobretudo, pelos “revolucionários saídos naturalmente do mundo rural russo”, isto é, oriundos do povo e também da juventude revolucionária que traz consigo, como nova geração, as novas necessidades da vida. Ela nunca se põe à frente do povo e nunca impõe nada a ele. Desse modo, esta “vanguarda” age como intermediária. Aquela, que por sua possibilidade de deslocamento e vigor de ação, pode dar uma contribuição essencial para a revolução: estabelecer o contato entre as comunidades e destas com os operários das fábricas (p. 256).

Passagens do texto:

Para que não haja mal-entendidos, fazemos questão de precisar que o que denominamos *ideal* do povo não tem nenhuma analogia com as soluções, fórmulas e teorias político-sociais elaboradas fora da vida deste, por doutos ou semidoutos, que têm a liberdade para fazê-lo, oferecidas de forma generosa à *multidão ignorante* como a condição

expressa de sua futura organização. Não temos a mínima fé nessas teorias e as melhores dentre elas dão-nos a impressão de leitos de Procusto, muito exíguos para conter o amplo e poderoso curso da vida popular (p. 237).

A ciência mais racional e mais profunda não pode adivinhar as formas que a vida social assumirá no futuro. Ela pode apenas definir os fatores *negativos*, que decorrem, de modo lógico, de uma rigorosa crítica da sociedade atual (p. 237).

A anarquia, quer dizer, a organização livre e autônoma de todas as unidades ou partes separadas que compõe as comunas e sua livre federação, fundada de baixo para cima, não pela injunção de qualquer autoridade que seja, mesmo eleita, nem tampouco pelas formulações de uma sábia teoria, qualquer que seja ela, mas em consequência do desenvolvimento natural das necessidades de todos os tipos, que a própria vida fizer aparecer (p. 237).

Nenhum sábio está, portanto, em condições de ensinar ao povo, ou definir para ele, o que será ou deverá ser seu modo de vida, logo após a revolução social. Esse modo de vida será determinado, em primeiro lugar, pela situação de cada povo e, em segundo, pelas necessidades que nascerão em cada um deles e manifestar-se-ão com o máximo de força, portanto, de modo algum por diretrizes ou notas vindas de cima e, de maneira geral, por teorias, quaisquer que sejam elas, concebidas às vésperas da Revolução (p. 238).

Sabemos que, hoje, há na Rússia uma tendência favorável à formação de pretensos educadores do povo. Alguns acreditam que se deve começar por instruir o povo e, quando este estiver instruído e compreender seus direitos, poder-se-á, então, impeli-lo à revolta. Porém, logo surge uma pergunta: o que ireis ensinar ao povo? O que vós mesmos não sabeis, o que não podeis saber e o que deveis, antes de mais nada, aprender com ele? (p. 238).

É preciso ser três vezes imbecil ou um incurável doutrinário para crer que se pode dar o que quer que seja ao povo, presentear-lhe um bem material qualquer ou uma outra mentalidade ou moralidade, ou, ainda, uma nova verdade, e imprimir, de modo arbitrário, à sua existência uma nova orientação ou, como sustentava o falecido Tchaadaev, há trinta e seis anos, falando do povo russo, escrever sobre ele, como sobre uma página virgem, qualquer coisa (p. 244).

Entre os grandes gênios, há bem poucos até aqui que tenham feito alguma coisa pelo povo; os gênios do povo são os grandes aristocratas, e tudo o que fizeram até o presente só serviu para instruir, fortalecer e enriquecer a minoria explorada; as massas miseráveis, abandonadas e oprimidas por todo mundo, tiveram de abrir seu caminho, de imenso martírio, para a liberdade e a luz por incessantes esforços, obscuros e estéreis (p. 244).